



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://www.revel.inf.br/files/eb575603b243ddb4990470247c2ece43.pdf>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2015 by Revista Virtual de Estudos da Linguagem. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## DA SINTATIZAÇÃO DOS FOCOS CONTRASTIVO E EXAUSTIVO EM CP E DAS ESTRATÉGIAS DE MARCAÇÃO DE FOCO

Sandra Quarezemin<sup>1</sup>

Aquiles Tescari Neto<sup>2</sup>

quarezeminsandra@gmail.com

aquilestescari@yahoo.it

**RESUMO:** Estudos sobre a cartografia das estruturas sintáticas têm mostrado que o foco da sentença pode se manifestar de duas formas: por meio de estratégias sintáticas de marcação (clivadas, pseudoclivadas, deslocamento) ou por uma combinação entre a prosódia e uma posição específica de foco (Quarezemin, 2009, 2012). Haveria posições específicas na sentença para a valoração dos diferentes tipos de foco. Assim, os traços de foco contrastivo e exaustivo seriam valorados na periferia esquerda da sentença (Rizzi, 1997; Belletti, 2004). O trabalho tem dois objetivos principais e interligados. Primeiro, busca entender se os advérbios denominados focalizadores na literatura, isto é, os advérbios que se associam ao foco da sentença, corresponderiam, como querem Longhin (1998), Rosa (2004), Lima (2006), Munaro (2012), dentre outros, a uma estratégia sintática de marcação de foco. Mostraremos que a contribuição dos advérbios é semântica: agregam um valor de modificação ao constituinte sob seu escopo, não constituindo um processo sintático de marcação de foco. Segundo, busca oferecer argumentos teórico-conceituais em favor da premissa de que o *locus* de valoração do foco contrastivo e do foco exaustivo deve de fato ser a periferia esquerda (confirmando Rizzi, 1997, Belletti, 2004 e os estudos da Cartografia das estruturas sintáticas).

**Palavras-chave:** foco; estratégias de marcação de foco; advérbios focalizadores; cartografia

### INTRODUÇÃO

As sentenças das línguas naturais estão organizadas em torno de informação pressuposta, compartilhada pelos falantes, e informação não-pressuposta, aquela que não faz parte do *background* dos falantes. Ao sintagma, ou sintagmas, que responde(m) pela informação já conhecida denomina-se “tópico”; ao sintagma, ou sintagmas, que responde(m) pela informação não pressuposta denomina-se “foco”<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ.

<sup>3</sup> Zubizarreta (1998:160-161) afirma que não é seguro trabalhar com a dicotomia informação nova/velha da sentença, visto que a informação velha também pode ser focalizada. A autora fornece alguns exemplos, como em (i), nos quais o elemento focalizado já aparece no contexto.

O foco é uma noção discursiva que reflete de alguma forma na estruturação da sentença. Podemos dividi-lo em dois grandes grupos: o foco amplo, que se estende a toda a sentença, e o foco estreito. Dentro do segundo grupo, observamos uma relação de quantificação desencadeada pela relação operador-variável. Aqui também há uma divisão entre foco de informação, aquele que apenas fornece a informação não-pressuposta, e o foco que envolve outros traços discursivos além da informação não compartilhada. Nesse último caso, temos o foco contrastivo, que envolve um contraste com uma afirmação prévia, e o foco de identificação exaustiva, que apresenta exaustividade, não permitindo uma relação entre dois elementos, por exemplo. Esses dois tipos de foco podem se manifestar de diferentes formas na estrutura da sentença por meio de estratégias sintáticas de marcação, quais: a clivagem, a pseudo-clivagem e o movimento de constituinte (ver Quarezemin, 2009, 2012).

É graças a essas estratégias que os traços do constituinte focalizado serão valorados na derivação das sentenças. A literatura cartográfica entende que os traços de foco contrastivo e exaustivo sejam valorados na periferia esquerda, i.e., no espaço CP.

Além das três estratégias de marcação de foco mencionadas acima, alguns trabalhos da literatura linguística mencionam o que consideram como uma outra estratégia de marcação de foco: o uso de advérbios focalizadores (cf. Longhin, 1998; Souza, 2004; Lima, 2006. Munaro, 2012; dentre outros). É justamente sobre esta última ‘estratégia’ que nos debruçamos neste trabalho. Nosso objetivo é entender se os assim denominados “advérbios focalizadores” – que, de acordo com Tescari Neto (2015), correspondem a cinco classes semânticas (os inclusivos – *inclusive* –, os particularizadores – *particularmente*, *especialmente* –, os aditivos não escalares – *também* –, os aditivos escalares – *até*, *até mesmo*, *mesmo* – e os de exclusão – *só*, *apenas*, *exclusivamente* –) – corresponderiam também a uma estratégia sintática de marcação de foco, como quer a literatura supracitada. Mostraremos que a modificação por advérbios *não consiste numa estratégia sintática de marcação de foco*. A contribuição dos advérbios é semântica. Agregado a este objetivo e igualmente tão importante quanto ele, buscamos também oferecer argumentos empírico-conceituais para a assunção mencionada acima acerca da valoração dos traços contrastivo e exaustivo na periferia esquerda.

- 
- (i) a. João comeu um hambúrguer ou um cachorro-quente?  
b. João comeu um [<sub>F</sub> hambúrguer]<sup>3</sup>.

Verificamos que o foco que da sentença (ib) já está na pergunta em (ia), não deve ser considerada uma informação totalmente nova. Se for analisado como informação não-pressuposta, não temos problema quanto ao fato de o elemento *hambúrguer* já ter aparecido na sentença anterior. O que está em jogo na pressuposição da sentença é que *João comeu alguma coisa* (cf. Quarezemin, 2012).

O trabalho se organiza da seguinte maneira: na seção 1, apresentaremos os tipos de foco, de acordo com as suas respectivas interpretações. Na seção 2, veremos as estratégias de focalização de constituintes em português brasileiro (doravante PB). Na seção 3, revisaremos a proposta cartográfica que assume posições específicas para o foco segundo a sua interpretação. Será na seção 4 que discutiremos a abordagem cartográfica de Cinque (1999) para os advérbios. Uma vez que os advérbios de que aqui nos ocupamos, os focalizadores, não integram a hierarquia de Cinque, revisitamos, na seção 4.1, alguns trabalhos da literatura sobre esse grupo de advérbios, recorrendo a Tescari Neto (*no prelo1*, 2015) que, valendo-se da mesma metodologia de Cinque (1999), propõe posições aos advérbios focalizadores no *Middlefield* ou ‘espaço IP’. De crucial importância aos objetivos do trabalho será a assunção da teoria de Kayne (1998) sobre a atribuição do escopo. Essa proposta será brevemente discutida na seção 4.2, tendo em vista as modificações feitas por Tescari Neto (2013, 2015, *no prelo1*, *no prelo2*) à versão original de Kayne. Será também na seção 4.2 que revisitaremos os argumentos à assunção da análise de Kayne e sua extensão a todos os advérbios altos, aí incluídos os focalizadores. Na seção 5, ofereceremos argumentos empíricos contra a premissa de que os advérbios ditos focalizadores constituam mecanismos sintáticos de marcação de foco. Na seção 6, ofereceremos argumentos teórico-conceituais a favor da visão cartográfica de que o foco contrastivo e o exaustivo sejam valorados na periferia esquerda. A proposta de Kayne (1998), em conjunto com a assunção do “congelamento criterial” de Rizzi (2007) darão conta de mostrar por que o foco contrastivo e o exaustivo são valorados na periferia alta.

O trabalho assume o Programa Cartográfico, uma vertente da teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa (cf. Cinque & Rizzi, 2010 e referências lá citadas).

## 1. AS INTERPRETAÇÕES DO FOCO

Zubizarreta (1998), com base no traço [contrastivo], e no contexto discursivo prévio, identifica dois tipos de foco que ocorrem em contextos distintos, como observamos em (1) e (2).

- (1)
  - a. O que a Carla vendeu no shopping?
  - b. A Carla vendeu [<sub>F</sub> um vestido] no shopping.
- (2)
  - a. A Carla vendeu uma calça no shopping.
  - b. A Carla vendeu [<sub>F</sub> um vestido] no shopping, não uma calça.

Em (1) temos um contexto interrogativo que requer um valor para a variável  $x$  da pergunta; no caso em questão, o valor é *um vestido* que veicula a informação não-pressuposta da sentença. Zubizarreta denomina esse tipo de foco de não-contrastivo. Já em (2) não há uma variável aberta no contexto imediato, mas sim um contraste entre *uma calça* e *um vestido*, contraste esse que pode ser visto como uma correção da afirmação prévia. Esse tipo de foco é denominado “foco contrastivo” em Zubizarreta (*op. cit.*).

Em termos de traços, o foco não-contrastivo é marcado por [+novidade, -contrastivo], enquanto o foco contrastivo é marcado por [+novidade, +contrastivo]. Zubizarreta interpreta o foco por meio de uma Estrutura de Asserção (*Assertion Structure – AS*) que se constrói depois de LF (*Logical Form*). A AS é composta de duas asserções,  $A_1$  e  $A_2$ ; a primeira apresenta a pressuposição da sentença, enquanto a segunda destaca o foco. Vejamos a AS de (1b) em (3):

- (3)  $A_1$ :  $\exists$  um  $x$ , tal que a Carla vendeu  $x$ .  
 $A_2$ : O  $x$  tal que a Carla vendeu  $x$  é um vestido.

A  $A_2$  pode ser interpretada como uma relação equativa entre a parte pressuposta e o valor de foco, algo como *Carla comprou  $x$  = um vestido*. O foco faz parte do predicado. A AS do foco contrastivo difere com relação à segunda asserção, como observamos em (4).

- (4)  $A_1$ :  $\exists$  um  $x$ , tal que a Carla vendeu  $x$ .  
 $A_2$ : É falso que o  $x$  (tal que a Carla vendeu  $x$ ) é uma calça & o  $x$  (tal que a Carla vendeu  $x$ ) é um vestido.

Na  $A_2$  do foco contrastivo há a negação do valor previamente atribuído à variável para depois atribuir um novo valor à variável. Vale ressaltar que a  $A_2$  dos dois tipos de foco apresenta uma descrição definida *O  $x$* , diferentemente da  $A_1$  que contém a pressuposição.

Kiss (1998) distingue outro tipo de foco com base no traço [+/- exaustivo]. Segundo a autora, quando o foco apresenta o valor positivo para esse traço deve ser identificado como um foco de identificação exaustivo; já o foco que apresenta um valor negativo, deve ser classificado como um simples foco de informação. Esse último foco pode ser comparado ao foco não-contrastivo de Zubizarreta (1998). O foco de identificação não pode ser comparado ao foco contrastivo porque não apresenta um contraste (ou correção) entre dois termos; antes, implica uma interpretação do tipo [ *$x$  e apenas  $x$* ].

O exemplo dado por Kiss para o foco de identificação é a sentença *it-cleft* do inglês, como em (5). Para manter um paralelismo, vejamos o que ocorre com a sentença clivada do PB em (5b).

- (5) a. It was a dress that Carla sold.  
b. Foi um vestido que a Carla vendeu.

A sentença clivada (5b) apresenta o deslocamento do objeto (*um vestido*). A interpretação associada a essa sentença é a de que, dentre um conjunto de roupas que a Carla poderia ter vendido, foi *um vestido* que ela vendeu, e nada mais. Assim, o único valor para a variável *x* é *um vestido*. Esse é justamente o papel semântico-comunicativo do foco de identificação apontado pela autora<sup>4</sup>. Observe que a interpretação [*x e apenas x*] não pode ser vinculada ao foco contrastivo, nem ao simples foco de informação (ou não-contrastivo).

Um teste apresentado pela autora para identificar o foco das sentenças clivadas como de identificação é o teste da exaustividade elaborado por Szabolcsi (1981, *apud* KISS, 1998) para o Húngaro. O teste relaciona uma proposição, que apresenta como foco dois constituintes coordenados, como (6a) e (6b), com uma outra proposição que tem apenas um desses constituintes, como (6c); a proposta é verificar se a última proposição vale como inferência das outras proposições.

- (6) a. A Carla vendeu [<sub>F</sub> um vestido e uma saia].  
b. Foi [<sub>F</sub> um vestido e uma saia] que a Carla vendeu.  
c. A Carla vendeu um vestido.

Se (6c) é uma consequência lógica de (6a), é porque não há necessariamente exaustividade no foco *um vestido e uma saia*; por outro lado, se (6c) não pode ser uma consequência lógica de (6b), é porque o foco tem exaustividade.

Ainda com relação à exaustividade do foco da clivada, observamos que não é qualquer advérbio que pode figurar junto ao foco da clivada, apenas aqueles que fazem uma identificação por exclusão, como em (7a,b); os advérbios escalares parecem não poder figurar junto ao foco, como em (7c,d).

---

<sup>4</sup> Kiss (1998:245) atribui ao foco de identificação o seguinte papel semântico-comunicativo em uma sentença: “um foco de identificação representa um subconjunto do conjunto de elementos dados contextualmente ou situacionalmente, para os quais o predicado pode se aplicar; é identificado como o subconjunto exaustivo deste conjunto para o qual o predicado realmente se aplica”.

Mioto (2003) faz uma observação interessante em relação à interpretação do foco por Zubizarreta e Kiss: enquanto para a primeira o foco é o predicado de uma sentença equativa, para a segunda o foco é um sintagma sobre o qual se predica alguma coisa, um tipo especial de sujeito.

- (7) a. Foi *só* um vestido que a Carla vendeu.  
 b. Foi *apenas* um vestido que a Carla vendeu.  
 c. ?Foi *também* um vestido que a Carla vendeu.  
 d. \*Foi *até* um vestido que a Carla vendeu.

Nas clivadas, o foco é o constituinte que ocupa a posição entre a cópula e o complementizador. Se o advérbio escalar ocupar essa posição, a interpretação [*x e apenas x*] se perde. Miotto e Negrão (2007) propõem a seguinte estrutura de asserção para as clivadas:

- (8) A<sub>1</sub>:  $\exists x$  tal que a Carla vendeu x.  
 A<sub>2</sub>: Para todo y, a Carla vendeu y se e somente se  $y=x$  & o x (tal que a Carla vendeu x) = [<sub>F</sub> um vestido].

Se compararmos a A<sub>2</sub> do foco contrastivo em (4b) com a A<sub>2</sub> do foco de identificação, observamos que, ao contrário daquela, essa última traz a fórmula da unicidade para traduzir a exaustividade<sup>5</sup>.

Miotto (2003), tendo por base os traços [contrastivo] e [exaustivo], apresenta uma matriz com três possibilidades de foco: o simples foco de informação (não-contrastivo), o contrastivo e o de identificação.

- (9) a. [- contrastivo, - exaustivo] = foco de informação, não-contrastivo  
 b. [- contrastivo, + exaustivo] = foco de identificação  
 c. [+ contrastivo, + exaustivo] = foco contrastivo

O autor compatibiliza as propostas de Zubizarreta (1998) e Kiss (1998) e observa que a combinação [+ contrastivo, - exaustivo] não é possível, pois todo foco contrastivo exhibe exaustividade, diferentemente do mero foco de informação. De acordo com as autoras, cada tipo de foco aparece em um contexto específico. Veremos na próxima seção quais são as estratégias de marcação de foco empregadas pelos falantes do PB.

## 2. AS ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO EM PB

O mecanismo utilizado na focalização de constituintes muda de acordo com a sintaxe das línguas. De acordo com Quarezemin (2009), há línguas que permitem maior flexibilidade/variação na ordem de constituintes nas sentenças, como é o caso do italiano, do

<sup>5</sup> Menuzzi (2012) defende que as clivadas não são intrinsecamente dotadas de traço de exaustividade, propriedade que impossibilitaria o uso da clivada em contexto pergunta-resposta que requer apenas informação não exaustiva. O autor propõe a “pressuposição de unicidade” como uma condição de uso necessária às clivadas. Para ler mais sobre o assunto, ver Quarezemin (2014).

espanhol, do português europeu (PE), enquanto outras línguas não apresentam essa mesma flexibilidade na ordem dos constituintes, como o inglês e o francês, por exemplo. O primeiro grupo permite que um sujeito apareça em posição pós-verbal na sentença quando tem a interpretação de foco de informação, enquanto o segundo grupo não dispõe deste recurso para focalizar o sujeito.

Nesta seção, vamos apresentar resumidamente os resultados obtidos por Quarezemin (2009) em seu estudo sobre as estratégias de focalização do PB. Primeiramente, mostramos como o objeto é focalizado; em seguida, apresentamos a forma como o sujeito aparece focalizado.

A autora aplicou um questionário de múltipla escolha a falantes do PB que continha para cada alternativa um contexto que requeria uma resposta a uma pergunta ou uma correção da afirmação prévia. Como resultado, a autora verificou que a estratégia de focalização *in situ*, como em (10), é a opção preferida dos falantes do PB quando está em jogo a focalização informacional do objeto. A estratégia clivada apareceu como estratégia de focalização informacional do objeto somente na forma de clivada reduzida e pseudoclivada, como em (11). E, ainda assim, apareceu em poucas ocorrências, o que se mostra irrelevante quando comparado com a estratégia SVO. Cabe ressaltar que nenhum participante escolheu uma sentença clivada plena como resposta a uma interrogativa-Wh sobre o objeto.

- (10) a. O que o Paulo leu?  
b. O Paulo leu [<sub>F</sub> o livro].(11) a. O que o Paulo leu?  
b. Foi [<sub>F</sub> o livro].  
c. O que o Paulo leu [<sub>F</sub> o livro].

A focalização *in situ* não se refere ao foco prosódico, mas sim a um processo que não envolve movimento do constituinte focalizado para uma parte alta da estrutura. Não quer dizer que o constituinte focalizado *in situ* está na posição em que recebe o papel temático na sentença, sendo marcado apenas por uma ênfase. Veremos na próxima seção que mesmo o foco *in situ* ocupa uma posição na estrutura da sentença que corresponde a sua interpretação focal.

A sentença SVO com objeto focalizado pode aparecer em contextos em que um advérbio está presente, como em (12):

- (12) a. O que a Maria comeu rapidamente?  
b. A Maria comeu rapidamente [<sub>F</sub> o bolo].  
c. A Maria comeu [<sub>F</sub> o bolo] rapidamente.

O advérbio *rapidamente*, que ocupa uma posição de especificador bastante próxima a vP, precisamente acima desta projeção, faz com que o objeto não seja o único constituinte à direita do verbo.

O PB, assim como o inglês, permite um certo reordenamento na sentença quando o foco é o objeto. Contudo, esse reordenamento pode não ocorrer e o foco não ser o elemento mais encaixado.

- (13) a. O que O João deu para a Maria?  
b. O João deu para a Maria [<sub>F</sub> um presente].  
c. O João deu [<sub>F</sub> um presente] para a Maria.
- (14) a. Para quem o João deu um presente?  
b. O João deu um presente [<sub>F</sub> para Maria].  
c. ?O João deu [<sub>F</sub> para Maria] um presente.

Em se tratando da focalização do objeto, as línguas naturais não apresentam grandes diferenças entre si. Os falantes do PB, assim como os falantes do italiano, do espanhol, do PE e do francês, deixam o objeto focalizado informacionalmente na posição mais encaixada da sentença.

Com relação à focalização contrastiva do objeto, a estratégia predominante é a sentença clivada. A estratégia de focalização *in situ* foi escolhida somente por dois participantes. As sentenças clivadas, escolhidas como estratégia de focalização contrastiva do objeto, são de três tipos: clivada plena, clivada reduzida e pseudoclivada, como em (15b), (15c) e (15d), respectivamente.

- (15) a. A Julia ganhou uma flor.  
b. Foi [<sub>F</sub> um bombom] que a Julia ganhou.  
c. Foi [<sub>F</sub> um bombom].  
d. O que a Julia ganhou foi [<sub>F</sub> um bombom].

De um modo geral, as estratégias de focalização do objeto empregadas pelos falantes do PB são focalização *in situ* (SVO) e as sentenças clivadas (clivada plena e pseudoclivada). Quando o objeto tem a interpretação de foco de informação, o uso de SVO sobressai ao uso das clivadas; quando o objeto tem interpretação contrastiva, as sentenças clivadas constituem a estratégia preferida.

O número elevado de ocorrências da estratégia clivada vai ao encontro da afirmação de Negrão (1999) de que o PB, por ser uma língua voltada para o discurso, privilegia marcar na sintaxe a função informacional dos constituintes na sentença.

Em relação à focalização informacional do sujeito, Guessser (2007) apresenta duas estratégias como predominantes: as sentenças SV, como em (16b), e as sentenças clivadas, sendo essas últimas divididas em canônicas (16c), pseudoclivadas (16d), clivada truncada (16e) e reduzida (16f).

- (16)
- a. Quem ganhou o prêmio?
  - b. [<sub>F</sub> A Paula] ganhou o prêmio.
  - c. Foi [<sub>F</sub> a Paula] que ganhou um prêmio.
  - d. Quem ganhou um prêmio [<sub>F</sub> a Paula].
  - e. [<sub>F</sub> A Paula] que ganhou um prêmio
  - f. Foi [<sub>F</sub> a Paula].

Vale ressaltar que algumas línguas, como é o caso do italiano (17a,b) e do PE (17c), permitem que o sujeito figure em posição pós-verbal quando é um simples foco de informação. Nesses casos, o reordenamento dos constituintes é suficiente para destacar o foco. No PB, a inversão do sujeito só ocorre em contextos restritos, portanto, a clivada aparece como uma estratégia sintática de focalizar o sujeito.

- (17)
- a. Ha bevuto la bottiglia di vino [<sub>F</sub> Gianni].  
Bebeu a garrafa de vinho João (= (17c))
  - b. L'ha bevuto [<sub>F</sub> Gianni].  
A bebeu João
  - c. Bebeu a garrafa de vinho [<sub>F</sub> o João].

Em inglês e francês, diferentemente do italiano e do PE, o sujeito não aparece em posição pós-verbal. Naquelas línguas, o sujeito foco de informação é marcado pela prosódia, o foco prosódico, ou por meio da clivada reduzida (cf. Belletti, 2008). Dessa forma, parece que a focalização informacional do sujeito coloca o PB mais próximo do inglês e do francês do que do italiano e do português europeu.

- (18)
- a. John drank a bottle of wine.  
John bebeu uma garrafa de vinho
  - b. C'est Jean (qui a bu une bouteille de vin).  
Foi João (que bebeu uma garrafa de vinho)

Quanto à focalização contrastiva do sujeito, Quarezemin (2009) aponta as sentenças clivadas como a estratégia preferida pela maioria dos participantes. Assim como nos dados de Guessser (2007), as clivadas aqui são de diversos tipos: canônicas, invertidas, truncadas, reduzidas, pseudoclivadas, como verificamos em (19a-e). Uma outra estratégia para focalizar contrastivamente o sujeito é a focalização *in situ*, como em (19f).

- (19) Os alunos estão discutindo que a Joana ganhou o prêmio, mas Pedro sabe que não é verdade e diz:
- Foi [F A PAULA] que ganhou um prêmio.
  - [F A PAULA] foi que ganhou um prêmio.
  - [F A PAULA] que ganhou um prêmio.
  - Foi [F A PAULA].
  - Quem ganhou um prêmio foi [F A PAULA].
  - [F A PAULA] ganhou o prêmio.

Guessier & Quarezemin (2013, p. 193) apresentam o quadro abaixo com as principais estratégias de focalização e o tipo de foco que cada uma pode veicular.

Focalização do sujeito		Focalização do objeto	
Estratégia	Interpretação focal	Estratégia	Interpretação focal
SV	NI, C	SVO	NI, C
VS	NI*, C	OSV	C
Foco+que	NI, C	Foco+que	C
Clivada canônica	NI, C	Clivada canônica	C
Clivada invertida	C	Clivada invertida	C
PC canônica	NI, C	P.C. canônica	NI, C
P.C. invertida (foco pós-cópula)	NI, C	P.C. invertida (foco pós-cópula)	NI, C
PC invertida (foco pré-cópula)	C	PC invertida (foco pré-cópula)	C
Cópula+foco	NI, C	Cópula+foco	NI, C

\*com restrições

Fonte: Guessier & Quarezemin (2013)

**Quadro 1:** Estratégias de focalização em PB

O quadro acima revela que há uma assimetria sujeito-objeto nas clivadas. Apenas a clivada sujeito aparece como estratégia de foco de informação, a clivada objeto é associada à interpretação de contraste. Cabe ressaltar que a ordem VS enquanto estratégia de focalização aparece com restrições. No geral, no que se refere às estratégias para focalizar o sujeito, duas opções são escolhidas pelos falantes: focalização *in situ* (como o inglês) e as sentenças clivadas (como o francês). A focalização *in situ* ocorre muito mais nos casos em que o sujeito é interpretado como foco de informação. Nos contextos de contraste/correção desse constituinte, a estratégia clivada sobressai significativamente à focalização *in situ*.

Quanto às estratégias para focalizar o objeto, os falantes do PB preferem a focalização *in situ*, nos casos de foco de informação, e as sentenças clivadas, nos casos de foco contrastivo (cf. Quarezemin, 2009). Pelo fato de o objeto figurar na posição final da sentença,

e não ter nenhum critério a satisfazer, como no caso do sujeito, as línguas comportam-se, de um modo geral, da mesma maneira no que diz respeito à focalização desse constituinte.

Na próxima seção, apresentaremos a proposta cartográfica de análise para as sentenças com foco. De acordo com o tipo de foco veiculado, será ativada uma posição específica na estrutura da sentença.

### **3. AS POSIÇÕES DO FOCO NAS SENTENÇAS**

A focalização no PB não deve ser vista como um fenômeno estritamente prosódico. Os elementos focalizados aparecem destacados na sentença de duas formas: (i) por meio da sintaxe, como nas clivadas e nas sentenças com deslocamento de constituintes; e (ii) através de uma combinação entre prosódia e uma posição sintática específica de foco. O uso recorrente das construções clivadas (de todos os tipos), não só nos casos de foco contrastivo, é um forte indício de que os falantes do PB preferem destacar o constituinte focalizado, seja ele sujeito ou objeto, na sintaxe. Além disso, as partículas morfológicas de foco e tópico presentes em algumas línguas naturais apontam para a existência de posições específicas na estrutura sintática para os constituintes que veiculam propriedades sintáticas e semânticas.

De acordo com a abordagem cartográfica (cf. Rizzi, 1997; Belletti, 2004), a prosódia tem acesso à sentença diretamente da estrutura, da representação sintática. Por isso, a necessidade de um constituinte com função discursiva estar em uma posição sintática específica. Rizzi (2004a) afirma que os traços podem ser criteriais (interpretáveis) ou formais (não-interpretáveis). Aboh (2004, 2007) fala em traço formal para foco, mas, nesse caso, o autor não está se referindo ao sentido puramente formal, mas ao fato de ser um traço que está na numeração e que deve ser checado<sup>6</sup>. A checagem desse traço ocorre na sintaxe porque, de acordo com a proposta cartográfica, um elemento foco ou tópico deve ocupar uma posição específica, entrar em relação especificador-núcleo. A abordagem criterial tem sido desenvolvida a partir dos traços interpretáveis do sistema A', os quais não desaparecem das representações, mas requerem um licenciamento local.

---

<sup>6</sup> Um modelo baseado no sistema de traços, desenvolvido por Chomsky (1995, 1998 e trabalhos posteriores), trabalha com um sistema de traços formais (forte *versus* fraco). Rizzi (1997) identifica os traços criteriais que podem ser interpretáveis ou não-interpretáveis. De acordo com Belletti (c.p), o traço formal não deve ser confundido com o traço criterial. O traço puramente formal, como o Caso e a flexão, por exemplo, não está relacionado às propriedades interpretativas, como os traços que estão ligados ao discurso (tópico, foco). O traço criterial exibe uma função na sintaxe: por estar ligado à propriedade interpretativa de um elemento, desencadeia o movimento dele para uma posição específica, facilitando a interpretação desse elemento nos componentes de interface.

De acordo com Rizzi (1997, 2004), as construções tópico e foco envolvem núcleos especiais; o traço que corresponde ao constituinte topicalizado e focalizado, quando estes entram na derivação, é atribuído livremente aos núcleos funcionais, como um traço-*phi*. Assim, não aparece nenhum problema relacionado à *condição de inclusividade*. Essa marcação torna a expressão disponível para atração, e, normalmente, tem efeitos fonológicos refletidos pelos contornos entoacionais das sentenças com tópico e foco.

Algumas línguas, como o japonês e o gungbe, apresentam uma partícula de foco e de tópico que são analisadas como a realização morfológica do núcleo Foc e do núcleo Top, como nas sentenças do gungbe e do japonês<sup>7</sup> abaixo (cf. Aboh, 2004, 2007; Yamamoto, 2015).

- (20) Ûn nywen dò [Sètù yà [Màrí wɛ é dà  
1sg know that Setu top Mary foc 3sg marry  
'Eu sei que, no caso de Setu, ele casou com Mary'
- (21) Maria-**ga** teeburu-ni zasshi-o oita  
(Maria-FOC mesa-GEN revista-ACC colocar-pass)  
'A Maria pôs a revista na mesa.'
- (22) Maria-**wa** teeburu-ni zasshi-o oita  
(Maria-TÓP mesa-GEN revista-ACC colocar-pass)  
'A Maria pôs a revista na mesa.'

Nas línguas que não apresentam nenhuma partícula morfológica de foco, como o italiano, o espanhol, o francês, o critério foco pode ser satisfeito por meio da *concordância dinâmica* (cf. Rizzi, 1996, 1997) com o núcleo Foc dotado do traço [+F], sem nenhuma realização fonológica. O PB não apresenta nenhuma partícula morfológica de foco, como o gungbe e o japonês, mas, em alguns casos, a cópula e o complementizador preenchem o núcleo Foc. Dessa forma, podem ser considerados morfemas foco em PB (cf. Quarezemin, 2014).

---

<sup>7</sup> Quando o sujeito é informação nova, ele é necessariamente marcado pelo morfema /-ga/, o que sugere que essa seja a marcação para o foco. No entanto, Yamamoto (2015: 31-32) observa que este mesmo morfema pode não marcar o foco em determinadas situações. Os constituintes focalizados, nos exemplos (i) e (ii), são marcados pelo morfema de caso, cuja função é ditada pelo verbo. A prosódia, por sua vez, se encarrega de destacar o foco com um acento proeminente.

- (i) a. O que o João fez?  
b. Joan-wa [<sub>F</sub> taruto-o tabeta].  
(João-TÓP [<sub>F</sub> a torta-ACC comeu].)  
'O João comeu a torta.'
- (ii) a. O que o João comeu?  
b. Joan-wa [<sub>F</sub> taruto-o] tabeta.  
(João-TÓP [<sub>F</sub> a torta-ACC] comeu.)  
'O João comeu a torta.'

O recurso da posição sintática específica de foco junto com uma prosódia especial no sujeito é empregado pelas línguas que não permitem o reordenamento de constituintes (cf. Belletti, 2008; Aboh, 2004). Uma língua como o italiano não precisa recorrer à marcação prosódica; a posição sintática é suficiente para destacar o foco da sentença.

- (23) a. Piero è arrivato alle 3.  
(Quando è arrivato Piero?)  
b. (Alle 3) è arrivato Piero (alle 3).  
(Chi è arrivato alle 3?)

O sujeito foco de informação sempre aparece em posição pós-verbal em italiano, como em (23b), ele ocupa uma posição baixa de foco. Nenhum acento especial aparece sobre ele. Se o sujeito está em posição pré-verbal, como em (23a), deve estar topicalizado. O sujeito focalizado em italiano que aparece em posição pré-verbal é interpretado como foco contrastivo, pois nesse caso estará em uma posição foco na periferia esquerda da sentença (cf. Rizzi, 1997).

O sujeito foco de informação em PB não ocupa uma posição tão baixa quanto a posição foco do italiano, mas também não está em uma posição fora do domínio sentencial. Em PB, o objeto no domínio CP não pode estar associado apenas à informação não-supressa. Necessariamente envolve contraste/correção, tanto que não podemos responder uma interrogativa-Wh com uma sentença OSV. Nas línguas em que o sujeito foco de informação ocupa uma posição no domínio CP, como no siciliano (24) e no húngaro (25)<sup>8</sup>, por exemplo, o objeto foco de informação também pode figurar nessa posição sem envolver contraste/correção, como nos exemplos em (b).

- (24) a. Montalbano sono. (Chi è?)  
(Montalbano sou)  
b. N'articulu scrissi. (Chi scrivisti airi?)  
(Um artigo escrevi)
- (25) a. Hans telefonált. (Who called?)  
(Hans telefonou)  
b. Mari egy pulóvert vett. (Mit vett Mari?)  
(Maria um suéter comprou)

Nos exemplos em (24) e (25), tanto a sentença com a ordem SV quanto a sentença com a ordem OV podem ser empregadas em contextos de pergunta-resposta. Em PB, as sentenças com objeto deslocado não respondem uma interrogativa-Wh. Isso foi confirmado no experimento de Quarezemin (2009), acerca das estratégias de focalização informacional do

---

<sup>8</sup> Exemplos extraídos de Cruschina (2004) e Belletti (2008), respectivamente.

objeto, no qual nenhum falante selecionou a sentença com deslocamento explícito do objeto como opção de focalização informacional desse constituinte.

Nos casos em que a sentença SVO é empregada para focalizar informacionalmente o objeto, a posição FocP acima de vP é ativada (cf. Belletti, 2004). Nada impede que o objeto ocupe o especificador dessa posição checando o traço [+F] contra o núcleo Foc.

- (26)
- a. O que a Ana comprou?
  - b. A Ana comprou [<sub>F</sub> uma bolsa].
  - c. [<sub>SubjP</sub> A Ana [<sub>TP</sub> [<sub>T</sub> comprou]<sub>j</sub> [<sub>FocP</sub> uma bolsa]<sub>k</sub> [<sub>Foc</sub> +F [<sub>vP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V</sub> t<sub>j</sub> t<sub>k</sub>]]]]]]]]]]]

Em (26c), o objeto deixa a sua posição temática para satisfazer o critério foco através da concordância especificador-núcleo. Ainda que um elemento esteja posicionado entre o verbo e o objeto, como em (27b), o foco alcança sem problemas o especificador de FocP.

- (27)
- a. O que o Pedro comeu ontem?
  - b. O Pedro comeu ontem [<sub>F</sub> um doce].
  - c. O Pedro comeu [<sub>F</sub> um doce] ontem.

Segundo Belletti (2004), posições de tópico também podem ser ativadas na periferia de vP. No caso de (27b), o advérbio *ontem* aparece no especificador de TopP, logo acima de FocP, como verificamos na representação em (28).

- (28) [<sub>SubjP</sub> O Pedro]<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> [<sub>T</sub> comeu]<sub>j</sub> [<sub>TopP</sub> ontem] [<sub>FocP</sub> um doce]<sub>k</sub> [<sub>Foc</sub> +F [<sub>vP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V</sub> t<sub>j</sub> t<sub>k</sub>]]]]]]]]]]]

De acordo com a abordagem cartográfica, o foco de informação ocupa uma posição distinta do foco contrastivo. Esse último figura na periferia esquerda da sentença, no domínio CP. Nesse caso, se o constituinte focalizado contrastivamente for o sujeito, ele deve saltar a posição criterial SubjP (para evitar o congelamento) e ir direto para [Spec, FocP], acima de TP, como em (29b).

- (29)
- a. O PEDRO comeu um doce, não um pastel.
  - b. [<sub>FocP</sub> O PEDRO] [<sub>Foc</sub> +F [<sub>SubjP</sub> [<sub>TP</sub> [<sub>T</sub> comeu]<sub>j</sub> [<sub>vP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V</sub> t<sub>j</sub> um doce]]]]]]]]]]]

Quando o objeto é foco contrastivo e não está deslocado na sentença, como em (30a), a derivação conta, além do movimento do foco, com o movimento remanescente de TP (cf. Kayne, 1994), como verificamos em (30b).

- (30) a. A Marta ganhou UMA FLOR, não um chocolate.

b. [<sub>TopP</sub> [A Marta ganhou t<sub>i</sub>]<sub>k</sub> [<sub>Top</sub> [<sub>FocP</sub> UMA FLOR<sub>i</sub> [<sub>Foc</sub> +F [<sub>TP</sub> t<sub>k</sub> ]]]]]

O movimento do objeto foco contrastivo para [Spec, FocP] ocorre na sintaxe visível, não espera até LF. O critério foco é satisfeito na sintaxe. Essa representação não fere nenhum princípio de economia, uma vez que o movimento remanescente também pode ser justificado por razões discursivas. Essa análise é proposta por Belletti (2004) para as sentenças do italiano com objeto foco contrastivo *in situ*, e pode ser estendida ao PB. Assumindo essa proposta, mantemos a hipótese restritiva entre posição sintática e tipo de foco.

Conforme vimos até o momento, o foco da sentença pode se manifestar de duas formas principais: por meio de estratégias sintáticas de marcação (clivadas, pseudoclivadas, deslocamento) ou por uma combinação entre a prosódia e uma posição específica de foco (Quarezemin, 2009, 2012). Há ainda uma outra estratégia 'sintática' de focalização apontada por estudiosos da focalização: a marcação do foco por meio dos advérbios ditos 'focalizadores'. De acordo com Longhin (1998), Souza (2004), Munaro (2012), dentre outros, "advérbios focalizadores" podem ser entendidos como estratégias de focalização. Assim, advérbios do tipo de *só, exclusivamente, meramente, especialmente, principalmente, particularmente, até, até mesmo, mesmo*, etc. seriam marcas formais do processo de focalização, i.e., seriam, ao menos para esses autores, engendrados deste processo.

Já mencionamos na introdução que um dos objetivos do trabalho – além de procurar entender o *locus* de realização da focalização contrastiva e exaustiva –, é nos perguntar se esses advérbios denominados 'focalizadores' corresponderiam de fato a estratégias sintáticas de focalização. Vamos mostrar, na seção 5, que tais constituintes *não* engendram focalização. Antes disso, faz-se necessário um mergulho na proposta cartográfica de Cinque sobre os advérbios e uma descrição do comportamento sintático dos advérbios ditos focalizadores. Isso será feito na próxima seção.

#### 4. DA HIERARQUIA DOS ADVÉRBIOS

Valendo-se da posição de cerca de 30 advérbios de classes semânticas distintas e de cerca de 30 núcleos funcionais que corresponderiam entre si em número, tipo e ordenação relativa, Cinque propõe que o 'espaço IP' ou *Middlefield* – 'TP' para os minimalistas – seria constituído pelas seguintes projeções funcionais, onde os advérbios ocupariam a posição de especificador dos núcleos correspondentes:

(31) *A Hierarquia Universal das Projeções Funcionais do Middlefield:*  
 [francamente ModoAto de fala > [surpreendentemente Modoirativo> [felizmente ModoAvaliativo > [evidentemente ModoEvidencial > [provavelmente ModalidadeEpistêmica > [uma vez TPassado > [então TFuturo > [talvez ModoIrrealis > [necessariamente ModalidadeNecessidade > [possivelmente ModalidadePossibilidade > [normalmente AspHabitual > [finalmente AspTardivo > [tendencialmente AspPredisposicional > [novamente AspRepetitivo(I) > [frequentemente AspFrequentativo(I) > [de/com gosto ModalidadeVolitiva > [rapidamente AspAcelerativo(I) > [já TAnterior > [não ... mais AspTerminativo > [ainda AspContinuativo > [sempre AspContínuo > [apenas AspRetrospective > [(dentro) em breve AspAproximativo > [brevemente AspDurativo > [(?) AspGenérico/Progressivo [quase AspProspectivo > [repentinamente AspIncoativo(I) > [obrigatoriamente ModoObrigação > [em vão AspFrustrativo > [(?) AspConativo > [completamente AspSingCompleto(I) > [tudo AspPlurCompleto > [bem Voz > [cedo AspAcelerativo(II) > [do nada AspIncoativo(II) > [de novo AspRepetitivo(II) > [frequentemente AspFrequentativo(II) > ... (Cinque, 1999:106, modificada em Cinque, 2006)

Os advérbios de (31) encontram-se fixos na estrutura da oração (Pollock, 1989), motivo por que são tomados como diagnósticos para o movimento de outros constituintes da sentença, como o verbo, p.ex. (Pollock, 1989; Costa, 1996; Galves, 1994; Cyrino, 2013; Tescari Neto, 2013, *no prelo*). Entende-se que haja movimento de advérbios apenas nos casos em que algum traço da estrutura informacional (Tópico, Foco, etc.) tenha de ser valorado (ver Rizzi, 2004a).

A metodologia de Cinque para chegar à hierarquia em (31) consiste na aplicação de testes de transitividade envolvendo advérbios de classes semânticas distintas. Assim, se um dado AdvP<sub>A</sub> precede (“>”) um dado AdvP<sub>B</sub> (32), que precede, por sua vez, um AdvP<sub>C</sub>, (33), por transitividade infere-se que o AdvP<sub>A</sub> precede o AdvP<sub>C</sub> (34):

- (32) a. AdvP<sub>A</sub> > AdvP<sub>B</sub>  
 b. \*AdvP<sub>B</sub> > AdvP<sub>A</sub>  
 (33) a. AdvP<sub>B</sub> > AdvP<sub>C</sub>  
 b. \*AdvP<sub>C</sub> > AdvP<sub>B</sub>  
 (34) AdvP<sub>A</sub> > AdvP<sub>B</sub> > AdvP<sub>C</sub>

(35-37), a seguir, ilustram esse expediente metodológico aplicado a AdvPs ingleses: AdvPs de ato de fala precedem AdvPs avaliativos (35) que precedem evidenciais (36), os quais, por sua vez, precedem os epistêmicos (37). Os dados são apresentados em Cinque (1999: 33).

- (35) AdvPs de ato de fala (*honestly*) > AdvPs avaliativos (*unfortunately*):  
 a. Honestly I am unfortunately unable to help you.  
 Honestamente eu sou infelizmente incapaz para ajudar você  
 'Honestamente, eu infelizmente não tenho condições de te ajudar'  
 b. \*Unfortunately I am honestly unable to help you  
 Infelizmente eu sou honestamente incapaz de ajudar você
- (36) AdvPs avaliativos (*fortunately*) > AdvPs evidenciais (*evidently*):  
 a. Fortunately, he had evidently had his own opinion of the matter  
 Felizmente, ele tinha evidentemente tido sua própria opinião do problema  
 'Felizmente, ele evidentemente tinha tido sua própria opinião do problema'  
 b. \*Evidently he had fortunately had his own opinion of the matter  
 Evidentemente ele tinha felizmente tido sua própria opinião do problema

- (37) AdvPs evidenciais (*clearly*) > AdvPs epistêmicos (*probably*):
- a. Clearly John probably will quickly learn French perfectly  
 Claramente John provavelmente vai rapidamente aprender francês perfeitamente  
 'Claramente, John provavelmente vai rapidamente aprender francês perfeitamente'
- b. \*Probably John clearly will quickly learn French perfectly  
 Provavelmente John claramente vai rapidamente aprender francês perfeitamente

O teste aplicado a (35-37) também é estendido aos núcleos funcionais (de diversas línguas). (38), por exemplo, apresenta 'verbos' ditos 'auxiliares' no inglês e espanhol, que têm sido considerados categorias nucleares da Flexão:

- (38) a. These books *have been being read* all year. (Cinque, 1999: 57)  
 b. Esos libros *han estado siendo leídos* todo el año.  
 Esses livros têm estado sendo lidos todo o ano  
 'Esses livros têm sido lidos todo o ano'

Conforme Cinque (1999: 57), *have* 'ter' (38a) e *han* (38b) lexicalizam o núcleo de tempo; *been* (38a) e *estado* (38b), o aspecto perfeito; *being* (38a) e *siendo* (38b), o progressivo; o verbo lexical, dada a construção passiva, lexicaliza (derivacionalmente) a Voz (*read*, in (a) e *leídos*, em (38b)). De (38), é possível inferir a seguinte ordenação parcial (39):

- (39) Tempo > AspPerfeito > AspProgressivo > Voz ... (> V) (Cinque, 1999: 57)

Outras evidências para a ordenação dos núcleos funcionais são apresentadas por Cinque (1999, capítulo 3). A conclusão do autor é que os advérbios ocupam posições de especificadores de núcleos funcionais distintos. Assim, no caso da modalidade epistêmica, tomando como exemplo o inglês, o advérbio *probably*, se presente na numeração, ocuparia a posição de Spec do modal *must* 'poder', em seu uso epistêmico.

Tescari Neto (*no prelo1*, 2015) se pergunta se os advérbios que a literatura linguística geral tem denominado de 'advérbios focalizadores' – que não integram a hierarquia de Cinque (1999), apesar de sua abrangência – também ocupariam posições rígidas e fixas entre os advérbios da hierarquia universal. Em sua argumentação, sustenta que, se os estudos em Cartografia estiverem no caminho certo, espera-se que não somente os advérbios em (31), como também os advérbios ditos focalizadores (*somente, também, exclusivamente, principalmente, precisamente, etc.*) das mais diversas (sub)classes semânticas se ordenariam *rigidamente*, i.e., ocupariam uma posição fixa na estrutura.

Valendo-se do mesmo expediente metodológico desenvolvido por Cinque para chegar à hierarquia de advérbios apresentada em (31), i.e., testes de transitividade – como os

ilustrados em (32-37) –, Tescari Neto (2015) sugere que as cinco classes de advérbios focalizadores mencionadas na literatura (Quirk et al., 1976; Lonzi, 1997; Ricca, 1999; Adorno, 2000; Lima, 2006; De Cesare, 2010; Shu, 2011 e Ferrari et al., 2011) e apresentadas na próxima subseção, também se ordenariam rigidamente entre si e em relação aos advérbios da hierarquia de Cinque. É o que resenharemos na próxima seção.

#### **4.1. DOS ADVÉRBIOS DITOS FOCALIZADORES – OU ASSOCIADOS AO FOCO**

Ilari (2002: 183), a propósito a propósito dos advérbios que a literatura linguística tem denominado de “focalizadores”, entende que é imprescindível reconhecer que o traço caracterizador dessa classe de advérbios é o fato de a eles estar necessariamente associada uma operação de 'verificação'. O foco a que se associam os advérbios ditos focalizadores separa um fundo e uma figura (Ilari, 2002: 183).

A definição de advérbios focalizadores por Quirk et al. (1976) parece também reconhecer que a focalização envolve a separação de um fundo e uma figura, embora os autores não usem tais palavras: “Os *adjuntos focalizadores* explicitam que aquilo que está sendo comunicado se restringe à parte focalizada – caso em que eles são chamados *adjuntos restritivos* – ou que a parte focalizada é um acréscimo – caso em que são chamados *adjuntos aditivos*.” (Quirk et al., 1976: 431).

Para Lonzi (1997: 345), os advérbios focalizadores têm como escopo o foco da sentença, que pode ser constituído “pelo predicado inteiro ou por uma parte do predicado”.

Tescari Neto (2015, *no prelo*), baseando-se em Quirk et al. (1976), Lonzi (1997), Ricca (1999), Adorno (2000), Lima (2006), De Cesare (2010), Shu (2011) e Ferrari et al. (2011), menciona a existência de cinco classes de advérbios focalizadores: (1) os restritivos de exclusão: *só, exclusivamente, meramente, etc.*; (2) os restritivos particularizadores: *especialmente, principalmente, particularmente, etc.*; (3) os aditivos escalares: *até, até mesmo, mesmo, etc.*; (4) os aditivos não escalares: *também*; e (5) os inclusivos: *inclusive*.

Os adjuntos restritivos são subdivididos em *exclusivos* e *particularizadores*. O subgrupo dos exclusivos abarca, em português, itens como *só, exatamente, meramente, apenas, simplesmente, etc.* (cf. (40)). Tais advérbios restringem a aplicação do conteúdo comunicado exclusivamente à parte focalizada, servindo, portanto, tanto à focalização contrastiva (40a) quanto à exaustiva (cf. a paráfrase em (40b)), já tratadas na seção 1.

(40) A Rosana bebe só vinho.

- (40) a. A Rosana bebe só vinho, não cerveja.  
 b. A: - O que a Rosana bebe?  
 B: - A Rosana bebe só vinho.

Os advérbios *especialmente*, *largamente*, *principalmente*, *notavelmente*, *particularmente*, etc. também integram a classe dos restritivos, mas formam uma subclasse semântica à parte, a dos particularizadores. No exemplo em (41), de Quirk et al. (1976: 431), cuja versão em português é dada em (41'), o advérbio *particularly* 'particularmente' restringe a aplicação do conteúdo comunicado particularmente à parte focalizada, i.e., ao DP “the young women” ('as jovens mulheres'):

- (41) a. He favours particularly the young women. [Inglês]  
 b. Ele favorece particularmente as jovens mulheres. (=a)

Se pensarmos em termos de hierarquias cartográficas, os advérbios particularizadores precedem os de exclusão, conforme (42) a seguir, de Tescari Neto (2015):

- (42) a. O João adora particularmente/principalmente só banana.  
 b. \*O João adora só particularmente/principalmente banana.  
 (42') particularizadores > de exclusão

Os adjuntos se subdividem em escalares *até*, *até mesmo*, *mesmo* e não escalares *também*. No caso dos primeiros, implicam, segundo Ricca (1999), uma ordenação no campo das alternativas (cf. (43a), em que o advérbio *até* sugere que *The Portrait of an Artist* seja uma leitura mais difícil do que outras), o que não se observa no subgrupo dos não escalares: o mesmo não pode ser dito de (43b).

- (43) a. A Julia leu até *The Portrait of an Artist as a Young Man*.  
 b. A Julia leu também *The Portrait of an Artist as a Young Man*.

Conforme Tescari Neto (2015), os aditivos não escalares precedem os escalares. Se cuidarmos para que o escopo desses advérbios seja exclusivamente o VP, como em (44-45), a combinação de ambos só será possível na ordem em que os escalares precedem os não escalares (cf. (46)), o que implica a ordenação em (46').

- (44) O João também esqueceu a data do aniversário, não lembrou.  
 (45) O João até esqueceu a data do aniversário, não lembrou.  
 (46) a. O João também até esqueceu a data do aniversário, não lembrou.  
 b. \*/? O João até também esqueceu a data do aniversário, não lembrou.  
 (46') aditivo não escalar > aditivo escalar.

Conforme Tescari Neto (2015), os particularizadores, a julgar por (47), também precedem os aditivos não escalares (47'):

- (47) a. O João prefere particularmente também as bananas.  
 b. \*<sup>/?</sup> O João prefere também particularmente as bananas.  
 (47') particularizadores > aditivo não escalar.

Resta ordenar os de exclusão em relação aos aditivos escalares, os mais baixos dentre os outros focalizadores até então investigados. (48) mostra que os aditivos escalares precedem os de exclusão:

- (48) a. O Mané até só falaria inglês, se precisasse.  
 b. \*O Mané só até falaria inglês, se precisasse.  
 (48') aditivos escalares > de exclusão.

Conforme mostra Tescari Neto (*op.cit.*), a combinação de (42'), (46'), (47') e (48') leva, por transitividade, à hierarquia em (49).

- (49) particularizadores > aditivo não escalar > aditivo escalar > de exclusão

Resta ainda mencionar uma outra classe de advérbios focalizadores: os de *inclusão*, como o advérbio *inclusive* em (50).

- (50) O José inclusive comprou um celular.

(49) mostrava que os advérbios particularizadores seriam os mais altos do grupo dos quatro focalizadores considerados antes da inclusão do advérbio *inclusive*. Colocando *inclusive* na mesma ocorrência que *também*, conforme faz Tescari Neto (*op. cit.*), deduz-se que *inclusive* é mais alto do que *também*, e, por transitividade, mais alto do que os demais advérbios focalizadores.

- (51) a. O João esqueceu inclusive também a festa de aniversário, não a do casamento.  
 b. \*O João esqueceu também inclusive a festa de aniversário, não a do casamento.  
 (51') de inclusão > aditivo não escalar.

Combinando (51') com (49), Tescari Neto mostra que, por transitividade, chega-se à hierarquia de advérbios focalizadores em (52):

- (52) de inclusão > particularizadores > aditivo não escalar > aditivo escalar > de exclusão  
*inclusive* *particularmente também* *até* *só*  
 (Tescari Neto, 2015)

A tarefa agora consiste em ordenar os advérbios de (52) em relação aos demais advérbios da hierarquia de Cinque, apresentados em (31). Os dados em (53) e (54) mostram

que os advérbios de (52) estão abaixo de *novamente*, o mais baixo dos advérbios altos da hierarquia de Cinque:

- (53) a. O João novamente inclusive esqueceu a data de aniversário...
- b. \*/?O João inclusive novamente esqueceu a data de aniversário ...
- (54) a. O João novamente só esqueceu a data de aniversário...
- b. \*O João só novamente esqueceu a data de aniversário...
- (56) novamente > de inclusão > particularizadores > aditivo não escalar > aditivo escalar > de exclusão

(54) mostra que *só* necessariamente está abaixo de *novamente*. A combinação de (52) com (53-55) nos leva a (56). Resta, no entanto, definir a posição de *só* em relação aos advérbios que, em (31), aparecem abaixo de *novamente*. Uma vez definida tal posição, é possível posicionar os focalizadores relativamente aos advérbios da hierarquia de Cinque.

Tescari Neto (2015) mostra não ser possível ordenar *só* em relação ao AdvP frequentativo (57), ao volitivo (58) e ao AdvP acelerativo (59):

- (57) a. O José só frequentemente perde a cabeça (não raramente!)
- b. O José frequentemente só perde a cabeça.
- (58) a. O José só voluntariamente fez a tarefa.
- b. O José voluntariamente só fez a tarefa.
- (59) a. O José só rapidamente lava a louça.
- b. O José rapidamente só lava a louça.

Mas em relação ao advérbio que lexicaliza a projeção T<sub>Anterior</sub>, já é possível ordenar *só*:

- (60) a. O José só já lavou a louça.
- b. \*/??O José já só lavou a louça.

A ordenação livre em (57-59) é muito mais aparente do que real. Tescari Neto assume a proposta de Kayne (1998) para a análise dos advérbios associados ao foco (ver seção 4.2). A assunção de tal análise leva o autor a inferir que a ordenação hierárquica para (57-59) corresponderia à versão (a) dessas sentenças; as versões em (b) só são gramaticais pelo fato de envolverem o movimento do advérbio *frequentemente*, *voluntariamente* e *rapidamente* como parte do remanescente que se eleva após a entrada de *só* na derivação. A inferência possível para entender que a ordenação em (a) é a canônica, apesar de (b) também ser gramatical nessas sentenças, deriva de (60), em que apenas (a) é gramatical. Trabalhos futuros deverão, entretanto, mostrar por que apenas aos advérbios de (57-59) é possível ambas as ordenações.

Diante dos dados apresentados nesta seção, Tescari Neto (2015) conclui que, com a inclusão dos advérbios focalizadores, a hierarquia de Cinque fica como em (61):

(61) Estrato da hierarquia Universal dos AdvPs de Cinque completada com os AdvPs focalizadores:

[...] [*finalmente* ASP<sub>Tardivo</sub> > [*tendencialmente* ASP<sub>Predisposicional</sub> > [*novamente* ASP<sub>Repetitivo(I)</sub> > [***inclusive*** Foc<sub>de inclusão</sub> > [***particularmente*** Foc<sub>Particularizador</sub> > [***também*** Foc<sub>Aditivo não escalar</sub> > [***até*** Foc<sub>Aditivo escalar</sub> > [***só*** Foc<sub>de exclusão</sub> > [*frequentemente* ASP<sub>Frequentativo(I)</sub> > [*de /com gosto* Modalidade<sub>Volitiva</sub> > [...]

Tescari Neto (2013, 2015b) mostra que todos os advérbios altos de (61), aí inclusos os focalizadores – i.e., todos os advérbios alocados entre *francamente* e *só* –, são inerentemente focalizadores e podem, por isso, se associar ao foco da sentença. Se tal associação é possível, é também possível a extensão da teoria de Kayne (1998) aos demais advérbios altos da hierarquia de Cinque.

Faz-se necessária uma breve apresentação da proposta de Kayne, e das modificações sugeridas em Tescari Neto (2013, *no prelo 1*, *no prelo 2*) à análise daquele autor, a qual terá decisiva importância, conforme veremos, na seção 6, em que uma série de razões teórico-conceituais serão apresentadas como evidência para a valoração dos traços de foco contrastivo e exaustivo no especificador da projeção de foco mais alta, i.e., no [Spec,Foc] da periferia esquerda de Rizzi (1997, 2004).

#### **4.2. DA ATRIBUIÇÃO DE ESCOPO A ADVÉRBIOS: REVISITANDO A ANÁLISE DE KAYNE (1998)**

Em sua proposta, Kayne (1998) defende que em uma sentença como (62), *only* ‘só’ não se adjuge diretamente ao DP *Bill* (Kayne, 1998: 134), mas se combina com o VP (ou alguma porção de sua projeção estendida). Isso equivale a dizer que uma projeção funcional nucleada por *only* entraria na derivação dominando o VP. *Only* atrairia o constituinte sob o seu escopo ao seu especificador, se moveria em seguida a um núcleo acima (W°, em Kayne), e esse movimento desencadearia o alçamento do remanescente ao especificador de W°, reestabelecendo a ordem “V *only* DP” (cf. (62) e a derivação sugerida em (62', 62'')).

(62) John criticized only Bill. (Kayne, 1998: 134)  
'O John criticou só o Bill'

(62) seria, portanto, derivada de (62'):

(62') John only criticized Bill.  
(62'')  
... only criticized Bill → atração de “Bill” por *only*

... Bill<sub>i</sub> only criticized t<sub>i</sub> → movimento de *only* a W°  
... only<sub>j</sub> Bill<sub>i</sub> t<sub>j</sub> criticized t<sub>i</sub> → alçamento do remanescente  
... [criticized t<sub>i</sub>]<sub>k</sub> only<sub>j</sub> Bill<sub>i</sub> t<sub>j</sub> t<sub>k</sub>

Para Kayne, quando *only* atrai um constituinte a seu Spec, necessariamente todo esse XP ou apenas uma parte dele é focalizado por *only* (Kayne 1998: 156). Isso explica por que em uma sentença como (63) o foco pode ser toda a porção da estrutura à direita de *only*, ou apenas subpartes desse constituinte maior, começando necessariamente pelo (sub)constituinte mais encaixado. Isso vale por dizer que *a book* deve estar em [Spec,*only*] caso *Bill* e *gave* também sejam focalizados, o que lembra o tratamento de Chomsky (1971) para a focalização.

(63) John only gave Bill a book. (Kayne, 1998: 157)

Tescari Neto (*no prelo 2*) sugere que o tratamento de Kayne dispensado a *only* pode ser estendido aos advérbios (altos) da hierarquia de Cinque, por três razões: (i) advérbios, enquanto modificadores, tomam por escopo constituintes da oração ou partes dela; (ii) advérbios são apenas modificadores da projeção estendida de V (diferentemente do tratamento de Ernst (2000) e Zyman (2012)); (iii) advérbios são rigidamente ordenados em termos de uma estrutura de base (Cinque, 1999).

Tomados conjuntamente, (i), (ii) e (iii) sugerem um tratamento sintático unificador para os advérbios altos: uma vez que ocupam uma posição rígida e fixa na oração (propriedade (iii)) e uma vez que são modificadores *apenas da projeção estendida de V*,<sup>9</sup> o seu ‘escopo’ pode ser ‘calculado’ tendo em vista o constituinte que se move ao Spec do núcleo atrator associado ao AdvP. Desenvolve-se a seguir essa ideia, que consiste numa pequena modificação da análise de Kayne, tal qual sugerido em Tescari Neto (2013, capítulo 3) e reformulado em Tescari Neto (*no prelo 2*).

Kayne trata *only* e outros adverbiais associados a escopo como *núcleos*, não como sintagmas. Tescari Neto (2013, *no prelo 2*) trata os advérbios como sintagmas, *à la* Cinque (1999, cap. 1), em virtude de algumas propriedades sintáticas que os caracterizariam como tal (cf. Tescari Neto, 2013: 92s):

---

<sup>9</sup> Não se estenderá aqui a uma argumentação detalhada para o por quê de insistir que AdvPs são *apenas* modificadores da projeção estendida do verbo. Remete-se o leitor a Tescari Neto (2013) para algumas razões empírico-conceituais.

1. AdvPs podem ser modificados:<sup>10</sup>

- (64) a. *molto probabilmente* (=b) (*Italiano*)  
b. *muito provavelmente*

2. AdvPs podem ser focalizados:

- (65) a. SEMPRE credo che l'abbia visto. (*Italiano* – G. Cinque, com. pessoal)  
SEMPRE eu-acredito que o tenha visto  
'Eu acho que ele sempre o viu'.  
b. é SEMPRE que a Carolzinha quebra as coisas.

3. AdvPs podem ser coordenados:

- (66) João comprou *sempre e regularmente* livros na FNAC. (PE)

Os dados em (64-66) acima levam Tescari Neto (2013, *no prelo 2*) a concluir que há razões empíricas para alocar os advérbios em Spec, dada a sua natureza sintagmática. Portanto, se se estende a teoria de Kayne aos advérbios altos (focalizadores aí inclusos), algumas modificações no “design” das derivações originais de Kayne devem ser feitas, de modo que o novo quadro esteja quites com a natureza sintagmática dos AdvPs. A sugestão de Tescari Neto (2013, *no prelo 2*) aponta a um aproveitamento da própria análise de Kayne (2000) sobre preposições, que é muito semelhante à sua proposta para os advérbios focalizadores. Kayne (2002: 72; 2005: 97-98, 137) entende que também as preposições não são diretamente Soldadas com o seu complemento (último), mas entram na derivação em uma posição acima de VP. Antes da Soldagem da preposição, entretanto, um núcleo atrator e atribuidor de Caso (“K<sup>o</sup>”) sonda o constituinte que virá a ser o complemento da P. Esse constituinte se move a [Spec,K], onde checa Caso, a P é inserida no núcleo seguinte, acima, e tal inserção atrai o remanescente a seu Spec. Assim, *ha tentato di cantare* (italiano) ‘ele tentou cantar’ seria derivada como segue:

- (67) ... tentato cantare → Soldagem de K  
... K tentato cantare → atração de InfinP a [Spec,K]  
... cantare<sub>i</sub> K tentato t<sub>i</sub> → Soldagem de P  
... di [cantare<sub>i</sub> K tentato t<sub>i</sub>] → movimento do remanescente a [Spec,P]  
... [tentato t<sub>i</sub>]<sub>j</sub> di [cantare<sub>i</sub> K t<sub>j</sub>]

Poder-se-ia, então, pensar — para o caso dos advérbios — que, sendo os AdvPs (*only* inclusive) XPs e não X<sup>o</sup>s, um núcleo atrator<sup>11</sup> faria as vezes da Sonda e entraria na derivação

<sup>10</sup> Mesmo um dos correspondentes de *only* em PB, *só*, deveria ser tratado como um XP e não como um X<sup>o</sup>, dado o fato de *só* poder ser modificado (cf. (i)). Agradecimentos a Guglielmo Cinque por essa observação.

(i) Ele come quase só feijão.

antes de o AdvP ser inserido. Esse núcleo atrairia o constituinte sob o escopo do AdvP ao seu Spec. Em seguida, o AdvP seria Soldado, em concordância com a hierarquia de Cinque, seguido pelo movimento do remanescente à esquerda do AdvP:

- (68) John criticized only Bill. (Kayne 1998: 134)  
 (68') ... criticized Bill → atração pelo núcleo probing/atribuidor de escopo<sup>12,13</sup>  
 ... Bill<sub>i</sub> K criticized t<sub>i</sub> → Soldagem de *only*  
 ... only Bill<sub>i</sub> K criticized t<sub>i</sub> → movimento do remanescente  
 ... [criticized t<sub>i</sub>]<sub>j</sub> only Bill<sub>i</sub> K t<sub>j</sub>

Deste modo, se AdvPs altos também podem ser tratados como elementos associados ao escopo, é natural tratá-los da mesma forma que *only*. Estende-se, portanto, a mesma derivação proposta acima a casos como (69) (cf. (69')):

- (69) George will have probably read the book.  
 (69') ... George will have read the book → Soldagem do núcleo-sonda associado a *probably*  
 ... K° George will have read the book → atração de “read the book” a [Spec, K°]  
 ... [read the book]<sub>j</sub> K° George will have t<sub>j</sub> → Soldagem do núcleo que licencia *probably*  
 ... *probably* Y° [read the book]<sub>j</sub> K° George will have t<sub>j</sub> → Soldagem de W°  
 ... W° [*probably* Y° [read the book]<sub>j</sub> K° George will have t<sub>j</sub>] → movimento do remanescente  
 ... [George will have t<sub>j</sub> W° [*probably* Y° [read the book]<sub>j</sub> K° t<sub>k</sub>]]

Há um detalhe importantíssimo (e crucial aos propósitos do presente trabalho, conforme veremos na seção 6) nas análises de Kayne e Tescari Neto: o Spec desse núcleo-sonda é tomado como sendo uma posição criterial no sentido de Rizzi (2004, 2007). Ou seja, assim que um sintagma ou bloco de estrutura se move ao Spec desse núcleo, tal constituinte fica 'congelado' naquela posição (cf. Tescari Neto, 2013, cap. 5). Uma vez congelado, não poderá ser movido, a menos que seja carregado junto com uma porção maior da estrutura.

<sup>11</sup> Conforme discute Tescari Neto (2013, capítulo 3), há evidência morfosintática para a assunção desse núcleo atrator K, toda a vez que um elemento associado a escopo (p.ex., advérbios focalizadores, advérbios altos) entra na derivação. O autor recorre a Shu (2011: 132) que menciona o marcador de concordância *CAI*, do mandarim, que pode co-ocorrer com um advérbio focalizador:

- (i) *Chinês* (Shu 2011: 132)  
 A: - zhangsan changchang mai xigua  
 ‘Zhangsan frequentemente compra melões’  
 [B: - bu. ta zhi(you)<sub>1</sub> [ouer<sub>2</sub>]<sub>F1</sub> cai mai xigua<sub>F2</sub>.  
 Não ele só algumas vezes CAI compra melões  
 ‘Não. Ele só<sub>1</sub> compra melões<sub>F2</sub> ocasionalmente [ocasionalmente<sub>2</sub>]<sub>F1</sub>.’

Se presente na numeração, *cai* será linearizado imediatamente à direita do foco. Conforme mostram Shu e Tescari Neto, *cai* sinaliza a borda direita do constituinte focalizado. Pode-se, portanto, tomar essa partícula como sendo o núcleo atrator do foco, que se associa necessariamente a um advérbio. Em PB, essa partícula é silente. Em chinês, pode ser morfonologicamente expressa, como se viu em (i).

<sup>12</sup> Chamemos “K” a este núcleo (tão somente pelo seu papel de atrator na derivação, à semelhança do núcleo atribuidor de Caso, K, associado a preposições, em Kayne).

<sup>13</sup> Ver também Ambar (2008, § 5) que assume uma derivação muito semelhante para o caso de *mesmo* em sua leitura confirmativa para o PE.

Aqui residirá, conforme veremos, um dos motivos teórico-conceituais que favorecerão a análise aqui defendida, segundo a qual o *locus* da valoração dos focos exaustivo e contrastivo deverá ser a periferia esquerda. Este será o assunto das próximas duas seções.

Antes, no entanto, de oferecer as razões teórico-conceituais que nos levam a defender que o *locus* de valoração dos traços de foco contrastivo e exaustivo é a periferia esquerda, faz-se necessário oferecer evidências que favorecem uma integração, na estrutura, *à la* Kayne (1998) revisitado, dos advérbios associados ao foco e contra uma análise segundo a qual os advérbios se integrariam à estrutura por adjunção direta ao XP por eles modificados.

Conforme argumenta Tescari Neto (2013, *no prelo 1, no prelo 2*), fatos da elipse de VP em português podem servir como evidência a favor da extensão da proposta de Kayne a todos os advérbios altos (e, naturalmente, contra propostas de adjunção direta do advérbio ao constituinte por ele modificado). As análises tradicionais, segundo as quais os advérbios se adjungem diretamente ao XP por ele modificados nos fariam supor que o advérbio *provavelmente*, de (70) abaixo, seria recuperável pelo VP elíptico no segundo elemento da coordenação, uma vez que se adjungiria ao DP-complemento antes de o verbo subir a uma posição de INFL, de onde licenciaria a elipse de todo o VP, incluindo o advérbio. Uma vez que o advérbio não pode ser recuperado pelo VP elíptico (cf. (70b)), a conclusão a que chega Tescari Neto (2013, *no prelo 1, no prelo 2*) é a de que o V se encontra numa posição necessariamente mais baixa que a do AdvP, por este não poder ser recuperável pelo VP elíptico. Tal dado favorece a extensão da análise de Kayne (1998) a todos os advérbios altos, incluindo-se os focalizadores: o verbo à esquerda de *provavelmente* faz parte do remanescente; não é resultado de simples movimento nuclear de V por sobre este advérbio. Se o fosse, esperar-se-ia que o advérbio fosse recuperável pelo VP elíptico. A derivação *à la* Kayne não faz tal previsão: o verbo se move a uma posição medial em PB (Galves, 1994; Brito, 2001; Cyrino, 2013; Tescari Neto, 2013), bem abaixo da posição de *provavelmente*. Antes da soldagem deste advérbio, o núcleo-*probing* associado a ele entra na derivação e atrai o constituinte que porta o traço de foco a seu especificador. O advérbio é inserido no especificador logo acima e o remanescente se eleva ao especificador que domina o especificador onde está *provavelmente*. Este movimento cria a ilusão de que o verbo se moveu sozinho por sobre o advérbio, contrariamente aos fatos.

- (70) O José comprou provavelmente uma BMW e o Pedrinho também comprou [-]. (PB, PE)  
a. [-]: comprou uma BMW.                      b. [-]: \*comprou provavelmente uma BMW (não um Gol)
- (71) A Maria cantou provavelmente para o patrão e a Ana também cantou [-]. (PB, PE)  
a. [-]: cantou para o patrão.                      b. [-]: \*cantou provavelmente para o patrão (não para o tio).

Recapitulando, nesta seção apresentamos as posições para os advérbios no *Middlefield* ou “espaço IP”, segundo a hierarquia de Cinque (1999). Uma vez que este autor não considerou os advérbios focalizadores em sua investigação, nos valem das descrições da literatura linguística geral acerca das classes de advérbios focalizadores (Quirk et al., 1976; dentre outros). Assumindo, com Tescari Neto (2015, *no prelo 1, no prelo 2*) que tais advérbios também teriam posições específicas na estrutura da oração, revisamos os argumentos deste autor que determinou as posições para os focalizadores no *Middlefield*. Claro está, tais advérbios não são categorias nucleares, mas sintagmáticas. Claro está, também, que esses itens se distribuem entre os advérbios de Cinque. A conclusão a que se chega é que tratar os advérbios focalizadores como a lexicalização do núcleo de Foc<sup>o</sup> não poderia ser a alternativa mais correta: advérbios focalizadores não são categorias nucleares nem são soldados em CP ou vP, lugar onde são valorados os traços de foco. O trabalho ofereceu também razões para assumir que o escopo dos advérbios associados ao foco é atribuído *à la* Kayne (1998). De posse desses achados, resta, na próxima seção responder às duas perguntas básicas a que nos propomos a investigar neste artigo:

1. Os advérbios focalizadores são recursos de que dispõem as línguas para engendrar focalização? Por outras palavras, os advérbios focalizadores são estratégias sintáticas de marcação de foco?
2. Onde se realiza o foco contrastivo e exaustivo? Apenas no CP, como o querem os teóricos da cartografia desde o trabalho seminal de Rizzi (1997), ou é possível defender que este tipo de foco possa se realizar na fase baixa de vP?<sup>14</sup>

A próxima seção procurará responder a essas duas perguntas. Será crucial, para a resolução desses dois pontos a assunção da teoria da atribuição de escopo de Kayne (1998), resenhada nesta seção.

## **5. SERIAM OS ADVÉRBIOS FOCALIZADORES ESTRATÉGIAS SINTÁTICAS PARA A MARCAÇÃO DO FOCO?**

Conforme vimos na seção 2, o foco da sentença pode se manifestar de duas formas: por meio de estratégias sintáticas de marcação (clivadas, pseudoclivadas, deslocamento) ou por uma combinação entre a prosódia e uma posição específica de foco (Quarezemin, 2009,

---

<sup>14</sup> O foco das clivadas sujeito em contextos interrogativos não exhibe o traço da exaustividade, é considerado um mero foco de informação nova. Esse foco ocupa a periferia de vP, seguindo a análise de Belletti (2008). No presente trabalho não entraremos nessa discussão.

2012). Na *Introdução*, uma das perguntas que levantamos – e retomamos na subseção anterior – dizia respeito justamente às estratégias de marcação de foco e a sua relação com os AdvPs ditos focalizadores: seriam os advérbios associados ao foco focalizadores de fato? Por outras palavras, os AdvPs focalizadores engendrariam foco quando presentes, i.e., estariam em par de igualdade com a clivagem, pseudo-clivagem e rearranjo marcado de constituintes via movimento?

Se assumirmos, com Rizzi (1997), que haveria um e apenas um *foco* por sentença, nossa resposta à pergunta feita no parágrafo anterior será *negativa*: advérbios ditos focalizadores *não engendram focalização*, i.e., não são responsáveis pela marcação do foco sentencial. (72) e (73) mostram justamente que pode haver mais de um advérbio focalizador por sentença, o que já excluiria a possibilidade de serem mecanismos sintáticos de marcação de foco, se se aceita a ideia de Rizzi de que haveria apenas um foco por sentença:

(72) Julia inclusive comprou só cerveja.

(73) Julia até só falaria inglês se precisasse.

(74) Julia provavelmente só vai ter trazido o bilhete.

Em (72), *inclusive* toma sob seu escopo a sequência *comprou só cerveja*. *Só*, por sua vez, pode tomar por escopo o DP *cerveja* (leitura preferencial) ou até mesmo o VP *comprou cerveja* (leitura não preferencial, mas todavia possível – se se entende que a cópia não pronunciada do V pode ser reconstruída no especificador do núcleo atrator associado a *só*, no espírito de Kayne (1998) revisitado. Se há dois advérbios na sentença e se o escopo do advérbio mais alto inclui o advérbio mais baixo, naturalmente o escopo desses dois AdvPs não é o mesmo. Ora, a presença de dois advérbios altos em (72-74) elimina qualquer possibilidade de entender que o advérbio é o responsável pela focalização, havendo apenas um foco por sentença: o escopo do advérbio não pode ser confundido com o foco da sentença, muito embora possam coincidir, como em (75B).

(75) A: - A Mara comprou tanta coisa na 25 de março...

B: - Não! Ela *só* [<sub>F</sub>uma capinha de celular].

A correção no turno de B, em (75), ilustra um caso em que o foco da sentença está sob o escopo do advérbio. Todavia, conforme (72-74) ilustram – ver também a seção 4.1 –, pode haver mais de um advérbio por sentença, apesar de haver apenas um foco (ao menos para Rizzi). (76) ilustra um caso em que o advérbio dito focalizador sequer está associado ao foco contrastivo, este “ensanduichado” pela clivagem:

(76) Foi *o bolo* que o Eduardo inclusive/particularmente/também/até/só comeu

Se Rizzi (1997) e muita tradição nos estudos gerativistas estão certos ao proporem que há apenas um foco por sentença, (76) pode ser tomada como evidência de que o advérbio dito focalizador não engendra focalização, i.e., não é um mecanismo sintático para a marcação do foco, podendo apenas se associar ao foco da sentença. (76) claramente mostra que o foco da sentença, indiscutivelmente ensanduichado pela clivada, é *o bolo*. O escopo do advérbio, neste caso *comeu o-bolo*, não é o foco sentencial, embora contenha uma cópia não pronunciada do constituinte movido à periferia esquerda para valorar o traço de foco.

Conforme já dito na seção 2, Quarezemin (2009) aponta as sentenças clivadas como sendo a estratégia preferida pelos participantes de seu experimento para a marcação do foco contrastivo no sujeito em PB. Pensemos num contexto bastante similar ao de (20), da seção 2. Desta vez, os alunos tinham em mente que apenas um prêmio havia sido atribuído e Joana teria sido a vencedora. Pedro sabe que havia sido atribuído um prêmio apenas, mas que não fora atribuído a Joana, mas a Paula. (76), se proferida por Pedro, seria feliz neste contexto:

(76) Foi [F A PAULA] que ganhou só um prêmio [, não a Joana!]

Por (76), mais uma vez, vê-se que o foco da sentença não está associado ao advérbio focalizador. Neste sentido, mais uma vez, a contribuição do AdvP é semântica, no sentido do parágrafo acima. A conclusão a que se chega por (76) mais uma vez é que os advérbios ditos focalizadores podem ou não se associar ao foco da sentença.

A conclusão a que se chega, por esta seção: inserir os advérbios ditos focalizadores no núcleo da projeção de Foco (na periferia esquerda ou mesmo na direita), como o faz Munaro (2012), não parece ser a melhor opção, pelo fato de o advérbio focalizador não estar sempre associado ao foco da sentença, necessariamente. Os advérbios ditos focalizadores podem acidentalmente se associar ao foco, mas não necessariamente. Diante disso, a pergunta a ser feita no presente contexto é: onde então seria valorado o foco da sentença – especialmente no caso do contrastivo e do exaustivo – se, pelos exemplos discutidos nesta seção, possivelmente não seria valorado no *Middlefield*? Este é desafio da próxima seção.

## **6. A FAVOR DA VALORAÇÃO DO FOCO CONTRASTIVO E EXAUSTIVO NO CP CINDIDO**

Conforme já mencionamos exaustivamente nas seções precedentes, o *locus* de valoração do foco contrastivo e exaustivo é a periferia esquerda, segundo Rizzi (1997), Belletti (2004), Quarezemin (2009, 2012, 2014), dentre outros.

Em princípio, a ideia de que haja uma única interpretação para uma determinada posição poderia ser desafiada por um argumento de ‘economia’: seria mais econômico que o foco contrastivo em (77), por exemplo, fosse valorado no [Spec, FocP] de  $\nu$ P, por ser mais próximo da posição onde o argumento interno entra na derivação, do que o [Spec, FocP] de CP, para onde o percurso do deslocamento seria maior e envolveria outro movimento além do deslocamento do objeto focalizado.

(77) Eduardo comeu [<sub>F</sub> arroz], não feijão.

Se se aceitam os argumentos de que as cinco classes de advérbios associados ao foco ocupam, cada uma delas, uma posição rígida e específica em IP (seção 4.2), e se se aceita que o seu escopo é atribuído transformacionalmente *à la* Kayne (1998) ‘revisitado’ (ver Tescari Neto, 2013, *no prelo* 2) – seção 4.3 –, o traço de foco *contrastivo* e *exaustivo* só poderá ser valorado em CP por uma razão: o ‘congelamento criterial’ (Rizzi, 2004b). Se o constituinte sob o escopo do AdvP for coincidentemente o foco da sentença, como em (78), para que lhe seja atribuído escopo será necessário o seu deslocamento ao especificador do núcleo atrator K<sup>o</sup>, associado ao AdvP, conforme ilustram os passos derivacionais (a/b) em (78’) abaixo. Após este movimento, se dará a Soldagem (‘Merge’) do advérbio (78’c) – em consonância com a hierarquia de Cinque em (31/61) –, seguida pelo movimento do remanescente (78’d). Acontece que o constituinte sob o escopo do AdvP é o foco da sentença em (78). Para que lhe seja garantido o escopo, este constituinte deverá subir ao especificador do foco de CP. Por ‘congelamento criterial’ (Rizzi, 2004b, 2007), *arroz*, o argumento interno (que ainda porta um traço de foco que deverá ser valorado), não pode se mover da posição de [Spec, KP]. Mas, na verdade, o que ocorre, é o movimento deste constituinte-foco fazendo o *pied-piping* do advérbio a ele associado. Na esteira de Rizzi, tal movimento é possível e o teste da clivada, aplicado a (78), em (79), mostra que o advérbio se desloca junto com o foco da sentença, i.e., o constituinte que porta o traço de foco, *arroz* em (78), arrasta (faz o *pied-piping*) do advérbio à posição ‘ensanduichada’ na clivada.

(78) Eduardo comeu só [<sub>F</sub> arroz]

(78’)

“Congelamento criterial”

- a.  $[_{TP} \text{Eduardo}_i [_{T} \text{comeu}_j [_{VP} t_i [_{v} t_j [_{VP} [_{v} t_j \text{arroz}]]]]]] \rightarrow$  atração por K
- b.  $[_{KP} \text{arroz}_k [_{K} [_{TP} \text{Eduardo}_i [_{T} \text{comeu}_j [_{VP} t_i [_{v} t_j [_{VP} [_{v} t_j t_k]]]]]]]] \rightarrow$  Soldagem de *só*
- c.  $[_{ExclP} \text{só} [_{Exc} [_{KP} \text{arroz}_k [_{K} [_{TP} \text{Eduardo}_i [_{T} \text{comeu}_j [_{VP} t_i [_{v} t_j [_{VP} [_{v} t_j t_k]]]]]]]]]] \rightarrow$  movimento do remanescente
- d.  $[_{WP} [_{TP} \text{Eduardo}_i [_{T} \text{comeu}_j [_{VP} t_i [_{v} t_j [_{VP} [_{v} t_j t_k]]] [_{W} [_{ExclP} \text{só} [_{Exc} [_{KP} \text{arroz}_k [_{K} t_i]]]]]]]]]]$

(79) Foi só o bolo que Eduardo comeu

Portanto, após o movimento do remanescente, à estrutura em (78'd) aplicam-se outros deslocamentos: primeiro, um movimento do constituinte *só o bolo* ao especificador do núcleo de Foco em CP (cf. (78'e), a seguir) – movimento esse que garante a valoração dos traços de foco –, seguido pelo movimento do remanescente ao especificador de Top (78'f), sendo o remanescente a informação pressuposta.

(78')

- d.  $[_{WP} [_{TP} \text{Eduardo}_i [_{T} \text{comeu}_j [_{VP} t_i [_{v} t_j [_{VP} [_{v} t_j t_k]]] [_{W} [_{ExclP} \text{só} [_{Exc} [_{KP} \text{arroz}_k [_{K} t_i]]]]]]]]]] \rightarrow$  movimento de *só arroz* a [Spec,Foc] (não há violação do ‘Congelamento Criterial’ pelo fato de o foco arrastar o AdvP!)
- e.  $[_{FocP} [_{ExclP} \text{só} [_{Exc} [_{KP} \text{arroz}_k [_{K} t_i]]_m [_{Foc} [_{WP} [_{TP} \text{Eduardo}_i [_{T} \text{comeu}_j [_{VP} t_i [_{v} t_j [_{VP} [_{v} t_j t_k]]] [_{W} t_m]]]]]]]]]] \rightarrow$  movimento do remanescente para [Spec,Top]
- f.  $[_{TopP} [_{WP} [_{TP} \text{Eduardo}_i [_{T} \text{comeu}_j [_{VP} t_i [_{v} t_j [_{VP} [_{v} t_j t_k]]] [_{W} t_m]]_n [_{Top} [_{FocP} [_{ExclP} \text{só} [_{Exc} [_{KP} \text{arroz}_k [_{K} t_i]]_m ]_n]]]]]]]]]]$

Repare que, pelo fato de o advérbio formar um constituinte com o foco (cf. (79)), devendo ambos subirem ao especificador de FocP para a valoração dos traços relevantes, não seria possível tal valoração no especificador do Foco baixo, a menos que se assumisse um expediente já obsoleto como o *lowering* ‘abaixamento’, movimento que careceria naturalmente de motivação no quadro minimalista atual.

Advérbio e foco devem ambos subirem juntos ao especificador da projeção de foco na periferia esquerda. Na realidade, o movimento do foco sozinho seria impossível, conforme atesta a agramaticalidade de (79') abaixo:

(79') \*Foi arroz<sub>i</sub> que Eduardo comeu só t<sub>i</sub>

A impossibilidade de o foco subir sozinho em (79') se explica, conforme Tescari Neto (2013, *no prelo 1*), justamente em função do ‘congelamento criterial’: a posição (Kayneana) de [Spec,K] é uma posição criterial. Para que um constituinte *x* esteja sob o escopo de um AdvP é necessário que este constituinte *x* – e nada mais – seja c-comandado por ele. A

derivação Kayneana garante que apenas *x*, que no caso de (78/79) é o NP *arroz*, seja comandado por *só* no passo derivacional relevante. (79') ilustra uma das propriedades sintáticas de advérbios altos (Tescari Neto, *no prelo 1*): o constituinte sob o escopo de um advérbio alto não pode ser extraído, se o escopo do AdvP alto for do tipo estreito, i.e., apenas o que se encontra à sua direita. A única saída, para a valoração do foco, é, portanto, mover o constituinte que porta o traço de foco (ainda não valorado) ao especificador de FocP (em CP), arrastando consigo o AdvP e fugindo, assim, de uma violação do 'congelamento criterial'.

À guisa de conclusão, se a assunção de uma derivação *à la* Kayne é correta no que diz respeito à atribuição de escopo a advérbios altos, tal assunção – aliada também à assunção do 'congelamento criterial' de Rizzi (2004b, 2007) – é um argumento teórico-conceitual, que não deixa também de ser empírico, de importante relevância à premissa de que o foco contrastivo e o exaustivo sejam valorados na periferia esquerda.

## CONCLUSÕES

O trabalho fez uma síntese geral da literatura sobre a natureza da categoria *Foco*, sobre as estratégias de focalização em PB, bem como sobre as posições específicas para a valoração de tipos específicos de foco (contrastivo, exaustivo, informacional). Relativamente ao foco contrastivo e exaustivo, a proposta comumente aceita sobre a sua valoração é a de Rizzi (1997) e Belletti (2004) que entendem que seja feita na periferia esquerda. A seção 6 ofereceu argumentos teórico-conceituais em favor de tal análise. Este foi um primeiro caminho. Naturalmente, estudos futuros deverão ainda oferecer, para além de outros argumentos teórico-conceituais, argumentos empíricos que corroborem (ou refutem) essa análise.

Um dos objetivos do trabalho foi questionar se os advérbios ditos focalizadores seriam também marcadores de foco. Para isso, foi feita uma revisão da proposta de Cinque (1999) e da análise de Tescari Neto (2015) sobre a posição dos advérbios ditos focalizadores.

Na seção 5, mostramos que os advérbios ditos focalizadores, embora possam associar-se (acidentalmente) ao foco, *não constituem mecanismos de marcação de foco*. Há casos em que o advérbio dito focalizador *não se associa ao foco da sentença*, muito embora, intuitivamente, ao que nos parece, tal AdvP tenda a se associar ao foco na maioria das vezes. Um estudo de caso – que eleja algum *corpus* (como o do projeto NURC) para análise – poderá revelar se o advérbio dito focalizador tende como norma, a modificar o foco.

A seção 6 ofereceu argumentos teórico-conceituais em favor da manutenção da ideia de que o foco contrastivo e o exaustivo devam ser valorados na periferia esquerda. O

constituente sob o escopo de um advérbio focalizador – nos casos em que este se associa ao foco da sentença – não poderia subir sozinho ao especificador do foco em CP, devendo arrastar o advérbio consigo, para evitar uma violação do congelamento criterial. Sendo o movimento para baixo um artifício obsoleto na versão atual da teoria de Princípios e Parâmetros, o que resta ao foco é fazer o *pied-piping* do advérbio e valorar seu traço de foco na periferia de Rizzi.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABOH, E. Information Structuring begins with the Numeration. Paper presented at the MPI conference on Information Structure in Adult and Child Language, Nijmegen, at the Syntax Circle, Meertens Institute, and at the Syntax seminar, University of Groningen, 2007.
2. \_\_\_\_\_. Topic and focus within D. *Linguistics in the Netherlands*, 21, 2004, p. 1-12.
3. ADORNO, C. *Focalizzatori fra connessione e messa a fuoco: il punto di vista delle varietà di apprendimento*. Milano: Angeli, 2000.
4. AMBAR, M. On Some Special Adverbs, Word Order, and CP: Variation vs. Micro-Variation. *Canadian Journal of Linguistics/Revue Canadienne de Linguistique*, vol. 53, n. 2/3, 2008, p. 143-179.
5. BELLETTI, A. Aspects of the low IP area”, In Rizzi (Ed.) *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, v. 2, p. 16-51. New York: Oxford University Press, 2004.
6. \_\_\_\_\_. Answering strategies: New information subjects and the nature of clefts. Chapter 10 of *Structure and Strategies*. London: Routledge, 2008.
7. BRITO, A.M. Clause Structure, Subject Positions and Verb Movement: About the Position of Sempre in European Portuguese and Brazilian Portuguese. In: D’HULST, Y. et al. (Eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 1999: Selected Papers from “Going Romance”*, Amsterdam: John Benjamins, 2001, pp. 63-85.
8. CHOMSKY, N. Deep structure, surface structure, and semantic interpretation. In: STEINBERG, D. et al. (Eds.) *Semantics: An interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971, p. 62-119.
9. \_\_\_\_\_. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.
10. \_\_\_\_\_. *Minimalist Inquiries: the Framework*. Massachusetts: MIT Press, 1998.
11. CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
12. \_\_\_\_\_. *Restructuring and Functional Heads. The Cartography of Syntactic Structures*. Vol.4. New York, Oxford: Oxford University Press, 2006.

13. CINQUE, G.; RIZZI, L. The Cartography of Syntactic Structures. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010, p. 51-65.
14. COSTA, J. Adverb Positioning and V-movement in English: some more evidence. *Studia Linguistica*, 50, 1996, p. 22-34.
15. CRUSCHINA, S. *Il Focus di nuova informazione e la periferia sinistra: la struttura informativa della frase in Siciliano*, Dissertação de Mestrado, Università di Siena, 2004.
16. CYRINO, S.M.L. On Richness of Tense and Verb Movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, V. et al. (Eds.). *Information Structure and Agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 297–318.
17. DE CESARE, A-M. On the Focusing Function of Focusing Adverbs: A Discussion Based on Italian Data. *Linguistik online*, 44, 4, 2010.
18. ERNST, T. *The Syntax of Adjuncts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
19. FERRARI, L.; GIAMMATTEO, M.; ALBANO, H. Operadores de foco: el caso de incluso, hasta, solo y aun. *Cuadernos de la Alfal*, 3, 2011, p. 30-41.
20. GALVES, C. V-movement, levels of representation and the Structure of S. *Letras de Hoje*, n. 96, 1994, pp. 35-58.
21. GUESSER, S. *Soggetto Nullo e Focalizzazione del Soggetto in Portoghese Brasiliano*. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Cisl, Università di Siena, Siena, Itália, 2007.
22. GUESSER, S.; QUAREZEMIN, S. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, jun. 2013.
23. ILARI, R. Sobre advérbios focalizadores. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Gramática do português falado*. Vol 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, 193-212.
24. JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.
25. KAYNE, R.S. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.
26. \_\_\_\_\_. Overt vs. Covert Movements. *Syntax*, vol. 1, 1998, p. 128-191.
27. \_\_\_\_\_. *Parameters and Universals*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 2000.
28. \_\_\_\_\_. On Some Prepositions that Look DP-internal: English of and French de. *Catalan Journal of Linguistics*, 1, 2002, pp. 71- 115.
29. KISS, K.É. Focus Identificational versus Information Focus. *Language*, v. 74, n 2, 1998, p. 245-273.
30. LIMA, R.B. *Advérbios focalizadores no português brasileiro*. Dissertação, UFAL, 2006.
31. LONGHIN, S. R. O constituinte pragmático intra-oracional: Foco. *Estudos Lingüísticos*, 27, , 1998, p. 218-225.
32. LONZI, L. Il sintagma avverbiale. In: RENZI, L.; SALVI, G. (Ed.) *Grande grammatica italiana di consultazione*. vol.2. Bologna: Il Mulino, 1997, p. 341-412.

33. MENUZZI, S. Algumas observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade. *Revista Letras*, Curitiba, n. 86, p. 95-121, jul./dez. 2012.
34. MIOTO, C. Focalização e Quantificação. In: *Revista Letras*. Curitiba, n. 61. p. 169-189, 2003.
35. MIOTO, C.; NEGRÃO, E.. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In.: CASTILHO, A.; TORRES MORAIS, M. A.; LOPES, R. V.; CYRINO, S. (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo, FAPESP. Campinas: Pontes, p. 159-183, 2007.
36. MUNARO, N. *On The Syntax of Focalizers in Some Italo-Romance Dialects*. Manuscrito, Università Ca' Foscari di Venezia, 2012.
37. NEGRÃO, E. *Português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, 1999.
38. POLLOCK, J-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP, *Linguistic Inquiry*, vol. 20, n. 3, 1989, p. 365-474.
39. QUAREZEMIN, S. *Estratégias de Focalização em Português Brasileiro – Uma Abordagem Cartográfica*. 2009. 289f. Tese (Doutorado em Linguística) –UFSC, Florianópolis, 2009.
40. \_\_\_\_\_. Foco e tópico nas línguas naturais. In.: CRUZ, Ronald Taveira da (Org.). *As interfaces da Gramática*. Curitiba, PR: CRV, p. 99 – 117, 2012.
41. \_\_\_\_\_. Assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas e pseudoclivadas. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, v. 19, n. 1, ago. 2014.
42. QUIRK, C. R. et al. *A grammar of the contemporary English*. London: Longman, 1976.
43. RICCA, D. Osservazioni preliminary sui focalizzatori in italiano. In: DITTMAR, N.; RAMAT, G. (Org.) *Grammatik und Diskurs/Grammatica e discorso. Studi sull'acquisizione dell'italiano e del tedesco/Studien zum Erwerb des Deutschen und des Italienischen*. Tübingen: Stauffenburg, 1999.
44. RIZZI, L. Residual verb second and the Wh-criterion. In Belletti, A & L. Rizzi (Eds.) *Parameter and functional heads*. New York, Oxford, University Press, p. 63-90, 1996.
45. \_\_\_\_\_. The fine structures of left periphery. In.: HAEGEMAN, L. (Org.). *Elements of Grammar*. Klumer Academic Publishers, p. 281-337, 1997.
46. \_\_\_\_\_. *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2, New York: Oxford University Press, 2004a.
47. \_\_\_\_\_. *On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects*. Ms. University of Siena, 2004b.
48. \_\_\_\_\_. On Some Properties of Criterial Freezing. *CISCL Working Papers on Language and Cognition*, 1, 2007, p. 145-158.
49. SHU, C. *Sentence Adverbs in the Kingdom of Agree*. Tese de Doutorado, Stony Brook, 2011.
50. SOUZA, E.F.R. *Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). UNESP, 2004.

51. TESCARI NETO, A. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: a Cartographic Study*. Tese (Doutorado em 'Scienze del Linguaggio') – Università Ca' Foscari di Venezia, 2013.
52. \_\_\_\_\_. A posição dos advérbios focalizadores na hierarquia universal. Ms, UFRJ, 2015.
53. \_\_\_\_\_. How Focusing Adverbs are Integrated into Structure. Comunicação apresentada no 25th Colloquium on Generative Grammar, 2015. IKER, Bayone, 2015b.
54. \_\_\_\_\_. 'Só', 'exclusivamente' and their positions in the sentence. A sair na revista. *Alfa (UNESP)*, n. 59(2), no prelo 1.
55. \_\_\_\_\_. Por que advérbios altos não são diagnósticos para o movimento do verbo? A sair na revista *Linguística (Alfa)*, no prelo 2.
56. YAMAMOTO, J.O. *Tópico, Foco e Construções de Clivagem no Japonês*. 2015. 103f. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFSC, Florianópolis, 2015.
57. ZYMAN, E. Two Investigations of Adverbs and Clause Structure in English. Senior Thesis. Princeton University, 2012.
58. ZUBIZARRETA, M.L. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

**ABSTRACT:** Studies on the cartography of syntactic structures have shown that the focus of the sentence can be expressed by two distinct strategies, namely, through syntactic strategies (cleft sentences, pseudoclefts, and displacement) or by a combination of prosody and a specific position for the focus (Quarezemin, 2009, 2012). There would be specific positions in the sentence for the valuation of the different types of focus. Thus, the features of contrastive and exhaustive focus would be valued in the left periphery of the sentence (Rizzi, 1997; Belletti, 2004). The work has two interrelated goals. Our first attempt is to understand whether the so called focusing adverbs, that is, those adverbs which are associated with the focus of the sentence, would correspond to a syntactic strategy of focus marking, as suggested by Longhin (1998), Souza (2004), Lima (2006), Munaro (2012), among others. We show that the contribution of adverbs is semantic, in the sense that they add a value of modification to the constituent under their scope. Hence, adverbs do not constitute a syntactic means through which the focus is signaled. Our second attempt is to provide theoretical and conceptual arguments for the assumption that the locus for the valuation of contrastive and exhaustive focus should in fact be the left periphery (thus confirming Rizzi, 1997, Belletti, 2004 and the studies of the cartographic approach).

**KEYWORDS:** focus; strategies to mark the focus; focusing adverbs; cartography